

INVESTIG(AÇÃO) E INSCRIACIONICE NA PESQUISA EM TURISMO: Desafios na produção das trilhas e ‘costura’ metodológica da ‘viagem investigativa’

Maria Luiza Cardinale Baptista¹

Resumo: O presente ensaio apresenta reflexões sobre o processo de investig(ação) em Turismo e seu potencial de inscriacionice, enfrentando questões metodológicas inerentes ao cenário de mutações contemporânea da Ciência. Decorre de mais de 20 anos de docência, na área de Metodologia da Pesquisa, pesquisas individuais e realizadas em grupos de pesquisa, em mais de quatro universidades brasileiras, bem como a orientação de trabalhos acadêmicos e a supervisão de textos científicos, em diferentes áreas e níveis. Faz uma discussão sobre o cenário de mutações da Ciência, que orientam para pesquisa, com base na cartografia, numa lógica processual, sistêmica e complexa. O texto parte, então, de pressupostos epistemológicos e teóricos, para, depois, apresentar a aspectos a serem considerados na dimensão metódica e técnica da investigação em Turismo, que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Turismo (PPGTUR), na Universidade de Caxias do Sul.

Palavras-chave: Turismo. Investigação. Inscriacionice. Pesquisa.

Sinalizadores Iniciais da Cartógrafa

Uma das conclusões mais fortes da metodologia
é certamente esta: não faz sentido buscar
a cientificidade por ela mesma,
porque método é apenas instrumento.
Faz sentido, isto sim, fazer ciência para conseguirmos
condições objetivas e subjetivas mais
favoráveis de uma história sempre mais humana.
É um absurdo sarcástico jogar fora
da ciência o que não cabe no método.
Se a ciência se der a isto, não passará de algo mesquinho.
(Pedro Demo)

A metáfora da viagem tem sido uma das constantes, na minha vida, ao longo desses anos, ensinando Metodologia da Pesquisa. Metáfora intuitiva que, aos poucos, foi ganhando

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, docente e pesquisadora do Mestrado em Turismo e do Curso de Comunicação Social da UCS, coordenadora do Grupo de Pesquisa AMORCOM. Grupo de Estudos e Produção em Comunicação e, Amorosidade e Autopoiese, Diretora da Pazza Comunicazione. malu@pazza.com.br.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

consistência conceitual, até sinalizar, claramente, um dos vieses teóricos que tenho trabalhado, atenta à mutação contemporânea do cenário científico. Trata-se da lógica processual da produção do conhecimento, em que vale o poema de Antonio Machado (2013): “Caminante non hay camino. El camino se hace al caminar” . As considerações que trago sobre a pesquisa turística decorrem também da compreensão do que eu chamo trama de saberes. Essa trama nos obriga a reler a paisagem, os cenários de produção do conhecimento e a compreender que o movimento de trânsito entre os territórios científicos é, mais que necessário, condição *sine qua non*, para a produção da ‘viagem investigativa’.

Apresento, então, um conjunto de estratégias, que dizem respeito à prática de cartógrafa, que tenho adotado na produção da pesquisa e que muito têm me ajudado na construção de relatos de investigação. Fundamento-me, para tanto, em Rolnik (1989, p. 66) e na compreensão de que o método cartográfico é aquele se *faz* “[...] juntamente com as paisagens, cuja formação ele acompanha”. Rolnik explica que a prática do cartógrafo diz respeito às estratégias de formações do desejo no campo social e que o sujeito que se dispõe a tal prática “[...] leva no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações – este, cada cartógrafo vai definindo e redefinindo para si, constantemente” (ROLNIK, 1989, p. 69). Nesse sentido, parto com um critério de busca de aberturas para a captação sensível do real, um princípio que é o da paixão-pesquisa em Comunicação – área teórico-conceitual de onde venho, agora em interface direta com o Turismo - , uma regra que é a busca de ‘costura’, busca de encontro com os ‘nós’ da trama dos fenômenos analisados, e o roteiro, que procuro apresentar, mesmo que resumidamente, neste texto.

Entendo a pesquisa como um ‘jogo de escolha múltipla’. Por mais referências e conhecimento que se tenha, cada pesquisador faz uma determinada configuração de escolhas, na composição do seu universo de pesquisa. Escolhas que perpassam todas as instâncias, todas as fases. Escolhas que são necessárias o tempo todo. Quer dizer, outro pesquisador sempre vai poder analisar a produção e pensar que escolhas diferentes poderiam ter sido feitas. Isso porque a composição do universo de referências é diferente, o tempo é diferente. Há sempre variáveis que fazem da experiência de uma pesquisa algo singular, como vivência e como processo de aprendizado, de apreensão do mundo.

Nesse sentido, há um texto precioso de Buber (1974), que me parece excelente para ilustrar o desafio com o qual se depara o pesquisador contemporâneo². O texto trata das múltiplas possibilidades de se considerar uma árvore, o que pode ser sentido como uma metáfora para as

² A subjetividade da pesquisa, assim como a relação com o texto de Buber sobre a ‘consideração de uma árvore’ está mais detalhada em Baptista (2001).

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

múltiplas possibilidades de se apreender, de se considerar qualquer ‘objeto’ de estudo e até de se repensar a condição/relação objeto-sujeito da pesquisa. O repensar essa relação tem implicações profundas em todas as dimensões da pesquisa e, claro, nos seus aspectos metodológicos.

A reflexão hermenêutica torna-se, assim, necessária para transformar a ciência, de um objeto estranho, distante e incomensurável com a nossa vida, num objeto familiar e próximo, que, não falando a língua de todos os dias, é capaz de nos comunicar as suas valências e os seus limites, os seus objetivos e o que realiza aquém e além deles, um objeto que, por falar, será mais adequadamente concebido numa relação eu-tu (a relação hermenêutica) do que numa relação eu-coisa (a relação epistemológica) e que, nessa medida, se transforma num parceiro da contemplação e da transformação do mundo. (SOUZA SANTOS, 1990, p.13)

A propósito, a metáfora da árvore aparece também em Demo (1989, p.249), apontando para a perspectiva hermenêutica na pesquisa. “Para o homem, uma árvore morta não é apenas a constatação externa de um vegetal que deixou de viver e se encontra em estado de decomposição orgânica. Pode ser o símbolo de um modo de vida, ou a indicação da agressividade contra a natureza, ou o marco de uma identidade cultural”.

Como me referi, anteriormente, resgato, aqui, a perspectiva Loucos de Paixão-Pesquisa³, para dizer que só acredito na pesquisa produzida por sujeitos implicados emocionalmente, sujeitos inteiros. Convém deixar claro que, quando falo de emoção, refiro-me ao conceito trabalhado por Maturana⁴ (1998), que não o opõe ao da razão, mas o coloca como algo que está na essência do ser humano e de suas ações. Ele apresenta o conceito de emoções da seguinte maneira: “[...] são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação.” (MATURANA, 1998, p.15). O autor questiona a desvalorização da emoção pela nossa cultura e explica que isso faz com que não consigamos perceber o entrelaçamento entre emoção e razão, “[...] que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem

³ Criei esse *slogan* para representar o trabalho de pesquisa e de iniciação científica dos alunos e professores do Curso de Comunicação Social da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, RS, Brasil, em 1995. Está referido também em texto intitulado “Roteiro de um Projeto Paixão-Pesquisa. Diálogo com um Pesquisador Iniciante”, que produzi em 1992. Depois, em vários outros artigos que venho apresentando em eventos nacionais e internacionais, defendendo o que eu também denomino como metodologia de sensibilidade (BAPTISTA, 2001)

⁴ Biólogo chileno, uma das principais referências da contemporaneidade. Autor da teoria que ele mesmo chama de Biologia do Conhecimento ou Biologia Amorosa. Abre a possibilidade de compreensão do entrelaçamento biológico e social ou cultural do humano.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

um fundamento emocional.” Maturana ensina que todo o sistema racional é constituído a partir de operações com premissas previamente aceitas, a partir de uma certa emoção.

É nesse sentido que venho trabalhando a concepção de objeto paixão-pesquisa na prática da investigação e do ensino em Comunicação⁵ e agora também no Mestrado em Turismo, na Universidade de Caxias do Sul. Longe de significar uma visão pueril ou um termo carregado de ingenuidade, sem maior amadurecimento, para mim ‘objeto paixão-pesquisa’ representa uma convicção. O sujeito só produz, se deseja, se algo o mobiliza, se algo o põe em movimento, na ‘viagem investigativa’. A paixão é plena de dispositivos de mobilização. E é assim que me situo - falo do lugar de quem vive, pensa, ensina, estuda, investiga, como um dos seus sustentos existenciais. Trago para compartilhar pistas do conhecimento que venho produzindo, contaminado de emoção assumida.

Essa perspectiva emocional pode causar estranhamento para algumas pessoas, em função de uma espécie de tradição da ciência clássica, objetivista e racionalista. Vale ressaltar, no entanto, que o abandono da dimensão emocional é criticado, entre outros autores, por Restrepo, quando este aborda o que chama de analfabetismo afetivo. Ele resgata uma palavra interessante, *splacnisomai*, do original grego do Novo Testamento. Essa palavra “[...] corresponde à conjugação de um verbo desaparecido no século II a III de nossa era e que hoje poderíamos traduzir literalmente como ‘sentir com as tripas’.” (RESTREPO, 1998, p.30) Fico pensando. É isso. Sentir com as tripas. É preciso um sentimento visceral que nos coloque em movimento, também na pesquisa em Turismo, assim como venho estudando e trabalhando para agenciar, na Pesquisa em Comunicação.

Cenário de Mutações da Ciência

Desde o início deste texto, venho apresentando a dimensão epistemológica da pesquisa. Sigo, a partir deste ponto, reiterando uma orientação geral qualitativa, que se pauta pelos sinais de mutação, em relação ao que se convencionou chamar de A Ciência, segundo o paradigma emergente pós-Revolução Científica. Do ponto de vista da reflexão da própria pesquisa, procuro avançar na dimensão teórica. Vale ressaltar, de antemão, o trabalho de Lopes (1990), em que a autora, depois de discutir as diferenças de metodologia ‘da’ pesquisa e metodologia ‘na’ pesquisa

⁵ Há mais de 20 anos, essa é a orientação também do trabalho de supervisão técnica de processo de escrita, de monografias de graduação e especialização, dissertações e teses de diversas áreas, além de Comunicação - Educação, Psicologia, Serviço Social, Medicina, Administração, Geografia, Urbanismo, Marketing, Matemática, Direito, Psicopedagogia, etc. - que venho realizando na empresa Pazza Comunicazione.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

(que é mais restrito, diz respeito ao que eu chamo de procedimentos operacionais), fala das quatro dimensões: epistemológica, teórica, metódica e técnica.

Considerando, então, entrelaçamento entre a dimensão epistemológica e teórica de pesquisa, uma primeira perspectiva a ser mencionada é a da complexidade, cujo principal representante é Edgar Morin (1993) Essa visão muito tem auxiliado para compreender os desafios contemporâneos da produção da pesquisa e das práticas comunicacionais, pois sinaliza para o resgate dos entrelaçamentos das áreas, para o caráter efêmero, para a não hierarquização, para a visão não totalitária dos saberes. Nessa linha de contribuição para a visão sistêmica dos fenômenos, cito também Fritjof Capra (1990, 1991, 1997), Roberto Crema (1989), Boaventura Sousa Santos, Humberto Maturana (1998) e Cremilda Medina.(1990-1991); Cremilda Medina e Milton Greco (1994); e Luís Carlos Restrepo (1998).

Do ponto de vista teórico, a perda da referência única, da rigidez paradigmática garantida durante a modernidade, pelas ditas macro teorias globalizantes, convida para a revisão dos nossos pressupostos. Trata-se, portanto, da necessidade de constituição de um mapa mínimo teórico, uma cartografia no sentido que Rolnik (1989) usa o termo. Isto significa a composição de uma trama de referências, que nos auxiliem no contato com o desconhecido, que atenua a cegueira das luzes da racionalidade exacerbada.

Trata-se de lidar com um ‘mar’ de referências, uma enorme complexidade teórica, que caracteriza a contemporaneidade. Um tempo de cegueira, como nos ensina Saramago (1995) e Morin (1986; 1991; 1993; 1998). Uma cegueira branca, talvez decorrente das luzes da racionalidade moderna. No romance *Ensaio sobre a Cegueira*, tem-se a ficção de um mundo que retorna à horda primitiva, só que em escala ampliada. A metáfora é evidente, constituindo-se em um belíssimo retrato do caos contemporâneo.

Sem usar diretamente a metáfora da cegueira, Restrepo (1998, p.37) fala do analfabetismo afetivo, trazendo uma grande contribuição para pensar a “pesquisa científica”. Segundo ele, a “[...] separação entre razão e emoção é produto do torpor e do analfabetismo afetivo a que nos levaram um império burocrático e generalizador que desconhece por completo a dinâmica dos processos singulares”. O autor lembra que nossas cognições são determinadas por fenômenos de dependência e interdependência, por cruzamento de gestos e corpos, o que evidencia que “[...] é impossível continuar excluindo a afetividade do terreno epistemológico [...]”.

Já Edgar Morin (1991, p.12) se refere a uma “inteligência cega”, ensinando que existe uma nova cegueira, ligada ao uso degradado da razão. Sua fala remete ao quanto avançamos, em termos de conhecimentos sobre o mundo físico, biológico, psicológico, sociológico, e, mesmo, no espectro de métodos de verificação empírica e lógica. Apesar disso, ele convida a admitir que “[...]”

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

por toda parte, o erro, a ignorância, a cegueira, progridem ao mesmo tempo que os nossos conhecimentos”.

Desafios e Implicações Operacionais

Anunciar-se como cartógrafa e defender a perspectiva da Metodologia da Sensibilidade, da emoção na pesquisa, bem como os pressupostos científicos com que venho trabalhando, na linha teórica complexo-sistêmica, colocam-me diante de uma série de desafios e de demanda de explicações, quanto às implicações metodológicas, no que diz respeito aos procedimentos operacionais, leia-se metodologia na pesquisa (LOPES, 1990). Parto da ideia de que a noção de sujeito com a qual trabalho permite-me questionar a dicotomia sujeito-objeto da pesquisa, bem como a relação de determinação de um sobre o outro. Tenho observado que o ‘suposto objeto’ é o próprio sujeito, mostrando-se nas suas qualidades discursivas, de lógica argumentativa, na representação do real - ao menos, do real que esse sujeito apreende, do seu ‘olhar’ para o real. Olhar marcado pela sua subjetividade.

Como a árvore do texto de Buber, o objeto existe, mas na interação com o sujeito, vai constituir-se com peculiaridades, características de relação, numa espécie de ‘mistura’, de simbiose, de modo que fica sempre difícil a determinação dos limites, ou seja, saber até onde é um, até onde é outro. No processo, na constituição da pesquisa, ‘eu e tu’ mesclam-se. A perspectiva racionalista - mecânica, reducionista, cartesiana - propõe a separação, como prática discursiva, como tentativa de afastar a produção científica do plano das emoções - mais difícil de ser trabalhado.

Os denominados critérios da teoria sistêmica (CAPRA, 1997, p.46) ajudam a apresentar as implicações metodológicas. Um primeiro deles é a mudança da visão das partes para o todo - e compreensão que os sistemas são totalidades integradas, com propriedades não reduzíveis às partes. Isto implica em uma abordagem metodológica que não fragmente o objeto, mas considere os fenômenos em sua totalidade, buscando a compreensão da sua trama de relações. Do ponto de vista técnico, implica em uma multiplicação de dispositivos, com o objetivo de abordar, dessa forma, os entrelaçamentos.

Um outro critério trata da capacidade de deslocamento contínuo nos níveis sistêmicos - uma espécie de ruptura com as hierarquizações rígidas e com a fixidez dos ‘pré-conceitos’. Quer dizer, aqui temos a necessidade de que o planejamento das estratégias de abordagem dos fenômenos seja o que eu venho chamando de ‘trilha referencial’ e não ‘camisas de força’, que muitas vezes endurecem o processo. Deparamo-nos com o desafio de embrenharmo-nos no processo para conhecê-lo verdadeiramente e não apenas para confirmar ‘pré-suposições’, como

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

parece ocorrer com alguns pesquisadores. Do ponto de vista técnico operacional, isto implica em planejamento, sim, mas na sensibilidade para alterações e reconsiderações, quando elas se fizerem necessárias pelas evidências.

O terceiro critério envolve a compreensão de que não há partes, mas padrões numa teia inseparável de relações. Portanto, as relações é que são fundamentais. Nesse sentido, temos a compreensão de que uma das grandes dificuldades é o processamento adequado dos dados obtidos, no que tange ao seu cruzamento. Há muitas pesquisas, com excelente nível de dados coletados, mas com grandes deficiências no que tange à explicitação das suas relações. Temos aqui, então, a demanda de um esmero na descrição dos dados, de modo a apresentá-los na sua complexidade.

Fundamental, como critério sistêmico, a ruptura com a concepção tradicional de objetividade científica. Nesse sentido, as opções metodológicas implicam em aberturas para extrapolar a captação do concreto. Implicam na ousadia de se posicionar perante o processo, explicitando o 'lugar' de onde ele foi construído.

O quinto critério da visão sistêmica nos fala sobre a compreensão do limite de todas as concepções e de todas as teorias científicas. Isto nos leva, na questão metodológica, a repensar a instância teórica, principalmente a tendência de adoção cega de visões de mundo, incorporando-as integralmente às peculiaridades de um objeto construído – que envolve, pela sua construção, especificidades, difíceis de serem contempladas por apenas uma visão teórica.

O próximo critério está relacionado à lógica processual - a estrutura do sistema, vista como manifestação de processos subjacentes. Em síntese, temos aqui o desafio de abordagem dos fenômenos em sua dinâmica, como processo de vida, considerado em suas mais complexas dimensões. Do ponto de vista do desafio metodológico, este critério relaciona-se diretamente ao seguinte, qual seja, o caráter efêmero/mutação - compreensão dos sistemas abertos, que precisam de um contínuo fluxo de matéria e de energia, extraídas do seu ambiente.

A despeito da perspectiva estruturalista, o texto de Lopes (1990, p. 82), reforça essa articulação dinâmica, espécie de campo de forças, em que se constitui a pesquisa. Quanto à questão da objetividade, no entanto, a autora a defende, como algo jamais alcançado, mas pretendido.

A objetividade é entendida como limite ao qual se tende e a que nunca se chega terminantemente [...] do ponto de vista metodológico, o campo de pesquisa seja concebido como articulação dinâmica de diferentes instâncias e de diferentes fases que determinam um espaço no qual a pesquisa é apanhada num campo de forças, submetida a determinados fluxos, a determinadas exigências internas.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Como campo dinâmico, a pesquisa se configura como estrutura e como processo [...]

Outro critério considera a dimensão de entropia (desordem) nos sistemas. Herdamos nestes séculos decorrentes da Revolução Científica, nestes tempos de Revolução Pós-Industrial, um arsenal de saber e de descobertas tecnológicas que difundiram a informação e o conhecimento amplamente. A facilidade de acesso às informações, a uma enorme quantidade de informações, mais estonteia que esclarece. O desafio aqui, então, é o desenvolvimento da capacidade de convivência com o caos informacional. Os dados obtidos em uma investigação são muitos, múltiplos, não controláveis totalmente e, pela grandiosidade de seu volume, muitas vezes “entopem” o sujeito, a pesquisa. Travam o processo. Metodologicamente, aqui, o desafio é ficarmos atentos ao que Morin⁶ (1991, p.89) chama de “recursão organizacional”, muito bem representado pelo autor pela metáfora do redemoinho.

Por fim, pode-se acrescentar um aspecto decorrente dos critérios – mas não menos importante. Defini este aspecto da seguinte maneira: **a ciência se sensibiliza**. Na medida em que o sujeito cientista tem que captar o real também a partir de dimensões sutis, sensíveis, abstratas, dos fluxos que o compõem, que compõem os universos da significação, a demanda extrapola o reducionismo objetivista.

Desterritorialização desejante em Turismo e Comunicação

Apresenta-se, a partir deste ponto, aspectos de uma pesquisa, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Turismo (PPGTUR), da Universidade de Caxias do Sul, orientada pela Metodologia Cartográfica, de Investigação e Inscricionice. Trata-se de questionar, neste caso: o que põe o sujeito em movimento desejante de viagem, no Turismo, e em movimento desejante de encontro com o Outro, no processo de Comunicação? O que faz com que ele decida iniciar a ‘viagem’? Como são produzidas as narrativas desse desejo, pelos próprios turistas e pela Comunicação Social? Essas são questões que orientam a pesquisa sobre a desterritorialização desejante em Turismo e Comunicação, envolvendo aspectos de especularidade e de autoipoiese inscricional.

O estudo aponta no sentido de atenção às necessidades de ‘redesenho’ do próprio sujeito do Turismo, a partir da imagem de si, da aceitação da imagem do outro e das potencialidades

⁶ Este autor é uma referência importante quanto à flexibilização do processo de busca de conhecimento, considerando a incerteza como algo inerente.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

criadoras inscriacionais imagéticas. Entende-se que não há como acionar saídas dos territórios, se não houver o reconhecimento do 'si mesmo' e a percepção clara da potência agenciadora de reinvenção de si, de autoipoiese. Para 'seguir viagem', o turista tem que acreditar na potência de a viagem produzir prazer, processo entendido aqui como retorno do 'investimento desejante' produzido, através da obtenção de valores emocionais, racionais e materiais agregados, que compensem o 'movimento'. O caráter de inscriacione⁷, a lógica inscriacional, relaciona-se à compreensão de que as narrativas trazem 'inscrições que acionam e recriam' os lugares e sujeitos do Turismo e da Comunicação. Ao menos, podem fazer isso, mas nem sempre fazem. Parte-se, aqui, portanto, da compreensão do entrelaçamento dessas áreas e da relevância de aspectos envolvidos nas experiências desterritorializantes, especulares e autopoieticas dos turistas e dos produtores da Comunicação Social, a respeito no Turismo.

Para a área de Comunicação Social, o estudo representa a proposição de uma 'investigação', que têm como matriz o reconhecimento de que a complexidade do processo comunicacional é, também, uma 'viagem' em relação ao mundo do Outro, a ousadia de desterritorializar-se de si mesmo, em busca de encontros com outros territórios e a disposição de, com eles, misturar-se, para reinventar-se. Assim, a proposição afina-se com perspectivas recentes dos estudos em Comunicação, como os trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo Filocom, da Escola de Comunicações e Artes, coordenado pelo Professor Doutor Ciro Marcondes Filho, que tem se ocupado com a abordagem da comunicação como 'acontecimento'.

Já no caso da área do Turismo, a perspectiva transdisciplinar, envolvendo as trilhas teóricas aqui sinalizadas, significa a possibilidade de uma investigação atenta ao cenário contemporâneo maquínico-caosmótico, em que as tecnologias da comunicação e o processo mesmo comunicacional podem contribuir para compreender os dispositivos de mobilização desejante do sujeito do Turismo. Assim, a proposta tende a uma contribuição para as áreas, pelo reconhecimento dos sujeitos, pela dimensão especular, e do mundo do desejo e autoipoiese inscriacional.

O estudo integra a linha de pesquisa do Mestrado, intitulada Turismo, Cultura e Educação, trazendo a proposição de ênfase no aspecto da interface Turismo e Comunicação, com contribuição, também, no que diz respeito à compreensão da cultura contemporânea, do turismo e da hospitalidade, em função da abordagem dos aspectos desejantes e especulares das desterritorializações, assim como do estudo da dimensão de autoipoiese inscriacional. Estreita-se, ainda, com a discussão da dimensão epistemológica, humana e científica do Turismo, já que traz a proposição de metodologia multifacetada, com orientação cartográfica, aliada à proposta

⁷ Conceito já apresentado em outros textos, em eventos científicos (BAPTISTA, 2011; 2012)

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

transdisciplinar. Trata-se, portanto, de investigação que se constitui também na intenção de repensar a produção do conhecimento científico e os modos de sua produção, bem como de comunicação desses saberes múltiplos.

A investigação também diz respeito à linha de pesquisa, do Curso de Comunicação da UCS, Comunicação, Amorosidade e Autopoiese, que está sintetizada no projeto de criação do grupo, da seguinte maneira:

Estudo de processos comunicacionais, amorosidade e autopoiese. Análise da Comunicação-trama, como campo complexo de interação de sujeitos, mediado ou não por tecnologias. Narrativas transmidiáticas em tecnologias comunicacionais contemporâneas. Produção de Cartografias de saberes transdisciplinares, geradoras de invenções metodológicas inscricionais, para que a metodologia científica seja aprimorada. Orientação transdisciplinar, complexa e sistêmica da Paixão-Pesquisa.

Como objetivos da linha, tem-se: produzir investigações e projetos de comunicação, pautados pela orientação de amorosidade e autopoiese, especialmente ligados às narrativas transmidiáticas; desenvolver pesquisas e projetos que potencializem processos comunicacionais de interação pessoal, direta, em grupos, em empresas, ONGs, organizações, instituições; agenciar pesquisas e projetos que potencializem processos comunicacionais midiáticos; aprimorar e desenvolver métodos e técnicas para a produção da Ciência contemporânea, garantindo eficiência nas pesquisas e potencialização dos investigadores para a vida e projetos diferenciados de Comunicação.

Outro aspecto importante da pesquisa é a proposta de trabalhar, na dimensão operacional, a questão das narrativas e sua potência para incentivar a produção de acionamentos desejantes e especulares, mais mobilizadores do turismo. A escrita é inscrição e, nesse sentido, associada ao processo de desterritorialização, pode reinscrever, reterritorializar, permitir a autopoiese do sujeito do turismo, ao mesmo tempo em que ele partilha a experiência. Isso quer dizer que a opção pela narrativa tem reflexos na coleta, cuja proposta é a de registros de narrativas, considerando, para análise, a correspondência entre o que os turistas buscam e o que está expresso nas reportagens turísticas.

Território e Desterritorialização Desejante

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

A Esquizoanálise é a linha teórica para uma série de conceitos e platôs de consistência deste estudo. É o caso das noções de território e desterritorialização, na discussão da aceleração contemporânea e da construção de um tempo mundo e espaço mundo.

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

A compreensão da desterritorialização desejante envolve o reconhecimento dos processos sutis, do que se pode chamar de comunicação abstrata, na constituição de campos significacionais, na interação de sujeitos, entre si e com o ambiente. Essa noção tem como substrato teórico a Esquizoanálise, em especial no que Guattari (1992) denominou fluxos incorporais a-significantes, como agenciamentos dos Equipamentos Coletivos de Produção da Subjetividade.

Vale ressaltar que esses processos não se restringem a espaços intrapsíquicos, individuais, mas são substrato da produção social capitalística, nos engendramentos sociais em que se verifica a conformação da indústria da comunicação. Segundo Guattari, mais do que a ‘nova ordem de produção de bens materiais’ e de relações dela decorrentes, o Capitalismo Mundial Integrado gerou uma nova subjetivação, um novo modo de produção de sujeitos sociais. A Esquizoanálise, como referencial teórico, então, possibilita uma compreensão, mais aprofundada, para os processos de constituição do sentido, considerando outros planos de significação, para além dos universos corporais significantes. Trata-se de uma visão, a partir da qual o sujeito vai existindo, nas suas múltiplas inscrições, no território de imanência. E, neste sentido, o seu ‘desenho’, a sua ‘configuração’, demanda também outras incursões, para ser apreendida no seu todo. Dizendo de outra maneira, é preciso extrapolar o visível e compreender a trama de maquinismos que constituem esse ‘desenho inscricional humano’.

Da perspectiva da Esquizoanálise, também se tem a noção implícita do desejo, como potência do devir, ao contrário da perspectiva lacaniana de que o desejo surge da falta. Jacques Lacan tem sido também um dos referenciais, mas no que diz respeito à noção de especularidade. A partir dele, com seu Estágio do Espelho, aprende-se a pensar a complexidade do jogo de entrecos, dos imbricamentos subjetivos do encontro entre o sujeito e o Outro. O primeiro

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

espelho do sujeito são os olhos da mãe, conforme o autor ensina. Neste sentido, estabelece-se um jogo de dependência mútua, cujo sentido das existências envolvidas e do processo de comunicação, em si, vai depender do processo mesmo. Não há a supremacia do código ou definições *a priori*. Há a intensidade do encontro e, no jogo de traços e abraços, a produção do sentido de si e do outro e, assim, a individuação autonomizadora que inventa uma nova vida.

É desde a infância que se instaura a máquina de produção de subjetividade capitalística, desde a entrada da criação no mundo das línguas dominantes, com todos os modelos tanto imaginários quanto teóricos nos quais ela deve se inserir. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 40).

Na verdade, essa máquina se instaura antes disso, já que contém dispositivos abstratos, da ordem do a-significante. Não se restringe, portanto, ao momento do acesso ao significante. Antes mesmo do acesso ao simbólico – campo das convenções –, as constelações de universos incorporais – da ordem do inarticulado, sem forma – já integram e pulsam nesse sujeito. Constituem um campo energético, que vai produzir diferenças, quando da interação desse sujeito com outros. Vai produzir diferenças na sua vida, no seu modo de ser e de viver e, claro, na maneira como produz marcas, como produz inscrições. Na perspectiva mais ampla, contudo, os maquinismos da subjetivação, seguindo o próprio Guattari (1992, p. 14), envolvem:

1. componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2. elementos fabricados pela indústria da mídia, do cinema, etc; 3. dimensões semiológicas a-significantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então às axiomáticas propriamente linguísticas.

Potencialização e Agenciamentos Autopoiéticos

A noção de potencialização também se sustenta na perspectiva da Esquizoanálise, de Félix Guattari (1992) e na Biologia Amorosa, de Humberto Maturana (1998). Trata-se de um modo de pensar a constituição plural, heterogênea do sujeito contemporâneo, a partir dos múltiplos dispositivos de subjetivação.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

A autopoiese inscricional envolve a inscrição, criação e acionamento de si mesmo e, neste sentido, a imagem representa um dos elementos emblemáticos, no sentido de composição desse sujeito. A imagem está pensada aqui como trama complexa de significação.

A *Biologia Amorosa*, de Humberto Maturana (1998), em particular a partir do seu conceito de autopoiese, também contribui para repensar o humano e seus processos de relação. A comunicação como decorrente de um jogo complexo de interação, de ações recorrentes que se efetivam através da linguagem. E, assim, a relação com as imagens como um jogo complexo também de inscrição e reconhecimento. Um jogo em que se busca, através de ações recorrentes de cooperação, constituir laços, entrelaços e, deste modo, abraços, no jogo de reconhecimento de si no limite do encontro com o outro. A noção de sujeito fundamenta-se na confluência entre a Esquizoanálise e a Psicanálise, a partir de uma visão de comunicadora, no que vem sendo construído pela autora, como discussão teórica, a partir do termo *Psicomunicação*, a interface *Psicologia e Comunicação*. Isto significa que essas noções são associadas a autores de comunicação, como Mauro Wolf (1987), Umberto Eco (1990; 1984), Jesus Martin Barbero (1987), Mauro Wilton de Sousa (1995), Maria Rita Kehl (1990) (que também apresenta, em suas teorias, a interface *Psicologia e Comunicação*), entre outros.

A perspectiva midiática está sendo abordada, aqui, a partir da noção de comunicação-trama, desenvolvida pela autora deste texto, em dissertação de mestrado e tese de doutoramento, ambas desenvolvidas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (BAPTISTA, 1996; 2000). Esta concepção implica na consideração do processo comunicacional como complexo em si, o que significa uma associação de teorias contemporâneas da comunicação, associadas a algumas noções de autores pós-modernos, como Gilles Lypovetsky (1989; 1983; 2000) e Michel Maffesoli (1987; 1995; 1996).

A compreensão da complexidade da imagem, inerente à discussão da trama de especularidade que se produz no Turismo e na Comunicação, também está sendo proposta, a partir da consideração dos pressupostos conceituais da Semiótica, com base em autores como Umberto Eco (1984). Percebe-se que compreender os processos de significação, na constituição autopoética dos sujeitos, nas inscrições visuais, parte muito de níveis de conhecimento que foram desenvolvidos por Charles Sanders Peirce e resgatados e retrabalhados por Santaella (1998). O caráter de desmanche a que se refere este estudo, com relação às imagens, na contemporaneidade, por exemplo, diz respeito à compreensão da emergência de aspectos ligados ao campo do índice, em detrimento de uma ênfase ao simbólico, que caracterizou a modernidade: “Viagem à Irrealidade Cotidiana”, como afirmou Umberto Eco (1984).

No que diz respeito à imagem, parte-se também de Eduardo Peñuela Canizal, e suas orientações em disciplinas feitas no mestrado da ECA/USP - Sobre a Ilusão Especular e Poéticas

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

das Mensagens Visuais. Com estas disciplinas, pôde-se ampliar a noção de imagem, com noções teóricas que, posteriormente, foram associadas à de autores como Arlindo Machado (2001), com seu O Quarto Iconoclasmo, Donis Dondis (1991), Sintaxe da Linguagem Visual, Martine Joly (2003), e seus textos clássicos, conceituando a imagem e orientando sobre as possibilidades de interpretação, nos diversos suportes midiáticos.

Operacionalização da Investigação Inscricional.

Amostragem e Técnicas de Coleta de Dados. A pesquisa está sendo realizada, a partir de uma busca junto aos três tipos de amostragem, que se propõe para explicar o item, nas disciplinas de Metodologia lecionadas. Bibliográfica: a amostragem bibliográfica é um primeiro 'lócus', de onde se parte. O que existe produzido e publicado sobre o assunto. Trata-se de delimitar as trilhas teórico-bibliográficas, que deverão ser percorridas, para o início da 'viagem investigativa acadêmica'. O início porque, claro, como fenômeno complexo-sistêmico, há muitas outras pistas que vão se delineando, ao longo do caminho. O trabalho de coleta de dados, neste caso, implica no levantamento preliminar de bibliografias; na classificação conforme as temáticas; leitura e releitura de textos; documentação bibliográfica, seminários teóricos. O problema proposto apresenta as seguintes trilhas temático-teóricas: Turismo, Comunicação, Subjetividade, com trilhas internas: território e desterritorialização, desejo, espelho, imagem e autopoiese inscricional. Em um olhar ampliado, a complexidade sistêmica da contemporaneidade e a epistemologia da produção do conhecimento.

Um segundo tipo de amostragem envolve os sujeitos que podem auxiliar como fontes de informação. Estes sujeitos podem ser desde especialistas sobre o assunto até os envolvidos diretamente nas práticas pertinentes à pesquisa: operadores do turismo e turistas.

Como técnica de coleta de dados, parte-se de observação sistemática, registrada em Diário de Campo, e de uma sondagem, para chegar à definição de um grupo de turistas da região, com quem será feita uma aproximação, para solicitar o relato de viagem. Essa narrativa pode ser captada, considerando o viés das narrativas transmidiáticas, o que significa que não se fala apenas em produção de texto verbal, mas de inscrições múltiplas. Dependendo do sujeito pesquisado, pode-se trabalhar com inscrições diferenciadas. A proposta é, sempre que possível, provocar a produção de um texto verbal e associá-lo a fotografias produzidas pelo próprio turista, bem como a reportagens sobre os destinos turísticos. A seleção dos grupos pesquisados pode ser antecipada por uma sondagem, que permita cartografar, mais amplamente, os perfis de turistas.

Material - este é o terceiro tipo de amostragem. Envolve materiais que têm o potencial de oferecer informações preciosas sobre os aspectos estudados. No caso deste estudo, pretende-se

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

reunir peças comunicacionais produzidas pelos operadores do turismo: publicações, folders, bem como produções impressas jornalísticas e publicitárias, que apresentem representações sobre os espaços turísticos da região. A ideia é verificar a correspondência entre as produções comunicacionais e as manifestações sobre os agenciamentos desejantes dos turistas.

Imagens produzidas/escolhidas pelos turistas. Imagens de si - produzidas/escolhidas. Imagens de que gostam - produzidas/escolhidas Imagens midiáticas/produzidas Estas imagens serão analisadas, com base no referencial mencionado, bem como em referenciais específicos para cada suporte midiático, com vistas a identificar as características do sujeito da comunicação e seus agenciamentos desejantes para o turismo, bem como o cuidado com relação à dimensão espelho. Em princípio, serão buscados aspectos emergentes sobre: - Imagem de si; Imagem-espelho - si e o outro; imagem midiática; imagem e os tipos de mídia.

A pesquisa está na fase bibliográfica e de sondagem de campo, com a produção do que eu chamo de laboratório de pesquisa. Algumas técnicas de coleta são desenhadas e testadas, para uma coleta preliminar que vai subsidiar as opções que vão reforçar ou transformar as trilhas definidas a priori. Esse é o começo da viagem. Neste texto, a intenção foi partilhar os pressupostos de investig(ação) inscriacional, como uma contribuição para pensar a metodologia das pesquisas em Turismo.

Referências Bibliográficas

Ashton, M. S. G. (2007 jan./jun. 2007). Comunicação e Turismo: possibilidades de conhecimento. *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 11.

Baptista. M. L. C. (2001). *Emoção e Subjetividade na Paixão-pesquisa em Comunicação. Desafio e Perspectivas Metodológicas*. n. 4. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/marialuiza.html>. Acesso em: 14 jul. 2010.

_____. (1992). Paixão-Pesquisa: o Encontro com o Fantasminha Camarada. *Textura*, Canoas, ULBRA, n. 1.

_____. (2002). Comunicazione come trama: La complessità del processo. In: Bechelloni, Giovanni, Lopes, Maria Immacolata Vassalo de (org.). *Dal controllo alla condivisione: studi brasiliani e italiani sulla comunicazione*. Roma: Mediascape Edizioni.

_____. (2003). O dilúvio babelizante da contemporaneidade e a educação. In: *Pauta: Interdisciplinaridade e pensamento científico*, Pato Branco, v. 2, n. 1, pp. 55-73.

_____. (2000). *O sujeito da escrita e a trama comunicacional. Um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade*

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

contemporânea. 440. fls. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

_____. (2011). Espelho, Espelho Meu: 'Inscripcionices' de Jornalistas e a Imagem de Si. *SEMINÁRIO NACIONAL DE ENSINO DE JORNALISMO*, 2. Curitiba.

_____. (2012). 'Inscripcionices' Investigativas'. Relato da construção de dispositivos processuais de investigação em Comunicação, na perspectiva da Amorosidade e Autopoiese. *ENCONTRO NACIONAL DA REDE DE GRUPOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO*, 1. Itapetcinga da Serra, São Paulo.

_____. (2012). Amorcom! Inscripcionices Investigativas. Pressupostos de investigação em Comunicação, na perspectiva da Amorosidade e da Autopoiese. *ENCONTRO NACIONAL DA REDE DE GRUPOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO*, 1. Itapetcinga da Serra, São Paulo.

Barbero, J. M. (1995). América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em Comunicação Social. In: Mauro Wilton de Sousa (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: ECA/USP/Brasiliense, pp. 39-68.

_____, (1987) *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia*. Barcelona: Gustavo Gili.

Barthes, R. (1986). *Fragments de um Discurso Amoroso*. 6. ed. Rio de Janeiro: F. Alves.

Brenner, C. (1975). *Noções básicas de Psicanálise: introdução à Psicologia Analítica*. 3. ed. Rio de Janeiro: São Paulo, Imago: USP.

Buber, M. (1974) *Eu e Tu*. 2. ed. revista, São Paulo: Moraes.

Cabas, A. G. (1982) *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*. São Paulo: Moraes.

Capra, F. (1997). *A Teia da Vida. Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos*. 9. ed. São Paulo: Cultrix.

_____. (1991). *O Ponto de Mutação. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*. 12 ed. São Paulo: Cultrix.

Crema, R. (1989). *Introdução à Visão Holística. Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma*. São Paulo: Summus.

Debray, R. (1994). *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente*. Petrópolis: Vozes.

Deleuze, G.; Guatarri, F. (1995-1997) *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Demo, P. (1991). *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas.

_____. (1989). *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.

Dondis, D. A. (1991). *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes.

Eco, U. (1990). *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

- Freitas, J. M. M. de (1992). *Comunicação e Psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1997). *A história do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1980). *A interpretação dos sonhos*. v. 2. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1997). *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1976). *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1988). *Psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gastal, S. (2005). *Turismo, Imagens e Imaginários*. São Paulo: Aleph.
- Guatarri, F. (1981). *As três ecologias*. 3. ed. Campinas: Papirus.
- _____. (1992). *Caosmose. Um Novo Paradigma Ético-Estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- _____. (1990). Linguagem, consciência e sociedade. In: Lancetti, Antonio. *Saúde Loucura*. 2. 3. ed. São Paulo: Hucitec.
- _____. (1995). *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- _____. (1988). *O inconsciente maquínico*. Campinas: Papirus.
- _____. (1987). *Revolução molecular. Pulsações Políticas do Desejo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense.
- _____; Rolnik, S. *Cartografias do desejo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.
- Joly, M. (2003). *A imagem e sua interpretação*. Lisboa: Edições 70.
- _____. (1996). *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus.
- Kehl, M. R. (1987). A psicanálise e o domínio das paixões. In: Cardoso, S. et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1991). Imaginar e pensar. In: *Rede Imaginária. Televisão e Democracia*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal da Cultura.
- _____. (1995). Imaginário e pensamento. In: Souza, M. W. de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense/ECA.
- _____. (1990). O desejo da realidade. In: Novaes, A. (Org.). *O Desejo*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Companhia das Letras/Funarte.
- Lacan, J. (1988). *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1990). El estadio Del espejo como formador como formador de La función del jo tal como se nos revela en la experiencia psicoanalitica. In: *Escritos*. 16. ed. México/Madrid/Bogotá: Siglo Veintiuno.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Lima, E. P. (2004). *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura*. São Paulo: Manole.

_____. (1998). Da escrita total à consciência planetária. In: *Criatividade e novas metodologias*. São Paulo: Petrópolis.

Lypovetsky, G. (1983). *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'água.

_____. (2000). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. (1989). *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.

Lopes, M. I. V. de. (org.). (2003). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola.

Lopes, M. I. V. de. (1990). *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Loyola.

Machado, A. (2001). *O quarto iconoclasmo: e outros ensaios hereges*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

Maffesoli, M. (1996). *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro: Vozes.

_____. (1995). *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

_____. (1987). *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense.

Martins, J. (1999). *A natureza emocional da marca: como encontrar a imagem que fortalece sua marca*. São Paulo: Negócio.

Martins, J. C. de O. (2012). *Turismo: entre consumo, resgate psíquico e choques culturais, um objeto de estudo em construção*. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/joseclertonmartins-turismo.htm. Acesso em: 9 out. 2012.

Machado, A. (s.d.). *Caminante no hay camino*. Disponível em: <http://www.poemas-del-alma.com/antonio-machado-caminante-no-hay-camino.htm>. Acesso em: 2013.

Maturana, H. (1998). *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: UFMG.

Maturana R., H.; Varela G., F. J. (1997). *De máquinas e seres vivos: autopoiese e a organização do vivo*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

Maturana, H. (1998). *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG.

Medina, C. (org.). (1990-1991). *Novo Pacto da Ciência*. A Crise dos Paradigmas - I Seminário Transdisciplinar. São Paulo, ECA/USP.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

- _____. (1994a). *O Signo em Processo*. XVII Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Comunicação, xerox.
- _____. (1986). *Entrevista. O Diálogo Possível*. São Paulo, Ática.
- _____; Grego, M. (orgs.). (1994b). *Novo Pacto da Ciência 3. Saber Plural. O Discurso Fragmentalista da Ciência e a Crise de Paradigmas*. São Paulo, ECA/USP/CNPq.
- Mezan, R. (1991). *Freud: a trama dos conceitos*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1987). *Sigmund Freud: a conquista do proibido*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense.
- Morin, E. (1998). *O método 4. As idéias, habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina.
- _____. (1993). O pensamento em ruínas. In: *A decadência do futuro e a construção do presente*. Florianópolis: UFSC.
- _____. (1991). *Introdução ao Pensamento Complexo*. São Paulo: Instituto Piaget.
- _____. (1986). *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Nöth, W. (1995). *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume.
- _____. (1996). *A Semiótica no século XX*. São Paulo: Annablume, (Coleção E; 5).
- _____; Santaella, L. (1998). *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras.
- Ogilvie, B. (1988). *Lacan: a formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Pacheco, E. D. (1987). Variáveis psicológicas no estudo da comunicação. *Intercom - Revista Brasileira de Comunicação*, a. 10, n. 56.
- Pereira, D. de C.; Carrieri, A. de P. (2005). Movimentos de Desterritorialização e Reterritorialização na transformação das organizações. *RAE-eletrônica*, v. 4, n. 1, Art. 13,. Disponível em:
<http://www.rae.com.br/electronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=2034&Secao=FOR.GEST.B&Volume=4&Numero=1&Ano=2005>. Acesso em: 13 set. 2012.
- Pessoa, F. (1976). *Ficções do Interlúdio 2*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Reis, A. O. (1984). *Advíncula. Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung*. São Paulo: E.P.U. .
- Restrepo, L. C. (1998). *O Direito à Ternura*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Rodrigues Fernandes, H. (org.). (1991). *Tempo do desejo: Sociologia e Psicanálise*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense.
- Rolnik, S. (1989). *Cartografia Sentimental*. São Paulo: Liberdade.
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sousa Santos, B. (1997). *Um discurso sobre as ciências*. 2. ed. Porto/Portugal: Afrontamento.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Sodré, M. (1984). *A máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cortez.

Sousa, M. W. de. (org.). (1995). *Sujeito. O Lado Oculto do Receptor*. São Paulo: Brasiliense.

Souza, E. A.; Pedon, N. R. (2007). Território e Identidade. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Três Lagoas*, MS: Três Lagoas, a. 4, v. 1, n. 6.

Tallafero, A. (1989). *Curso básico de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Vallejo, A.; Magalhães, L. C. L. (1977). *Operadores da leitura*. São Paulo: Perspectiva.

Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença.